

Actualização da Segurança Alimentar em MOÇAMBIQUE Janeiro 2008

Os níveis de água no baixo Zambeze e outros rios do centro de Moçambique têm estado a subir desde Dezembro, provocando grandes cheias em muitas zonas adjacentes. Espera-se que as cheias se agravem durante o pico da época chuvosa e ciclónica, normalmente entre meados de Fevereiro e finais de Março.

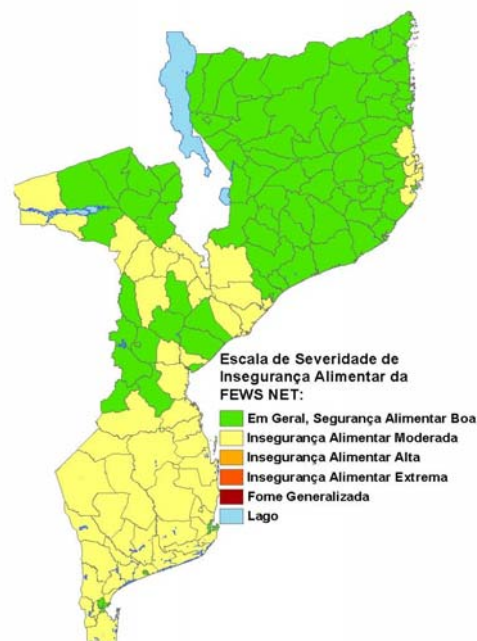
Milhares de famílias foram desalojados e afectadas pela perda de reservas alimentares, culturas, e outros bens. As estradas e pontes secundárias ficaram intransitáveis, impedindo a circulação de pessoas e bens, agravando os défices alimentares temporários.

O Grupo de Análise da Vulnerabilidade do Secretariado Técnico da Segurança Alimentar e Nutricional, estimou que cerca de 258 mil pessoas necessitarão de assistência humanitária de emergência até Março de 2008. As famílias que perderam culturas também necessitarão assistência em forma de sementes e outros insumos para as resemesteiras logo que as águas baixarem, se as condições forem favoráveis.

O Programa Mundial de Alimentação está neste momento a prestar assistência alimentar a 471 mil pessoas, devido à seca, cheias e ciclones do ano passado, mas enfrenta uma ruptura das reservas em Fevereiro. O governo e seus parceiros estão a prestar assistência de emergência, incluindo alimentação e outros produtos não alimentares, às famílias afectadas pelas cheias deste ano. O número total de pessoas necessitadas poderá aumentar, dada a previsão da continuidade das chuvas até Abril. Aumentos imediatos em assistência alimentar, água, saneamento e serviços de saúde são crucialmente necessários. Caso os recursos não forem mobilizados, o Programa Mundial de Alimentação poderá enfrentar carências imediatas de alimentos para satisfazer as crescentes necessidades.

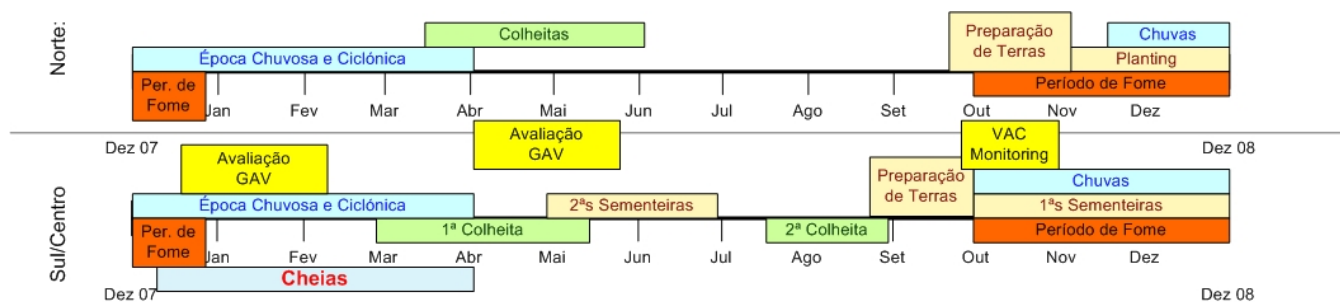
Fora das zonas inundadas, o crescimento das culturas é favorável, e no país em geral, as perspectivas da produção agrícola continuam favoráveis.

Figura 1. Estimativas das actuais condições de segurança alimentar, primeiro trimestre (Jan-Março de 2008)



Fonte: FEWS NET

Calendário sazonal e eventos críticos



Sumário da segurança alimentar

Actualmente, a segurança alimentar da maioria das famílias fora das zonas inundadas é relativamente favorável ou está a melhorar. Os alimentos estão geralmente disponíveis, os mercados estão adequadamente abastecidos, e os preços são acessíveis de modo a permitir o acesso aos alimentos pelas famílias pobres. Bolsas de insegurança alimentar moderada existem em partes do centro e sul de Moçambique afectadas pela seca do ano passado mas as condições têm estado a melhorar desde Dezembro com a disponibilidade sazonal de alimentos, intervenções de ajuda alimentar, melhor acesso à água para o consumo tanto humano como animal. A segurança alimentar constitui contudo grande preocupação nas zonas afectadas pelas cheias e poderá agravar-se com o aumento destas zonas. Até agora, o Grupo de Análise da Vulnerabilidade (GAV) do Secretariado Técnico da Segurança Alimentar e Nutricional estimou que cerca de 258 mil pessoas necessitam de assistência humanitária até Março de 2008 nas bacias do Zambeze, Save, Pungué e Buzi. Este número poderá subir, dependendo da intensidade das chuvas e ciclones entre agora e Abril, o término normal da época chuvosa e ciclónica.

As formas de vida na região sul, como noutras zonas de formas de vida de Moçambique baseadas na agricultura, são dependentes da produção familiar para a maioria das necessidades alimentares das famílias, quer em anos bons como em anos maus. As condições de desenvolvimento das culturas têm sido favoráveis nas zonas semi-áridas e áridas do sul que foram afectadas pela seca do ano passado. A produção de milho da primeira época, que representa a maior parte da produção anual desta cultura básica, é também uma grande fonte do rendimento das famílias, e as colheitas de Março-Maio trará alívio para as famílias que vivem nestas zonas, onde as famílias pobres enfrentam constrangimentos para gerar rendimentos através dos quais compram os alimentos e outras necessidades. As famílias mais ricas normalmente têm maiores reservas alimentares para o consumo ou venda, mas também podem vender alguns animais sem afectar a sua base de bens caso necessitem de dinheiro.

O Programa Mundial de Alimentação (PMA) e seus parceiros está a assistir cerca de 471 mil pessoas com assistência alimentar até Março de 2008, cerca de 90 por cento daquelas consideradas necessitadas pelo GAV no ano passado. No sul, a maioria dos necessitados foram afectados pela seca no ano passado, enquanto que na região centro, a maioria perderam culturas devido às cheias e ciclones. Em resposta às recentes cheias que estão a causar défices alimentares temporários às famílias ao longo dos rios da região centro, o PMA e seus parceiros de cooperação estão também a distribuir rações alimentares às pessoas vulneráveis nos centros de reassentamento e a fazer reajustes no terreno dependendo das necessidades das novas chegadas. À medida que a época progride e as condições de cheias continuam, talvez até finais de Março, o número dos necessitados poderá aumentar. Contudo, os stocks do PMA sofrerão uma ruptura em Fevereiro, e está com um défice de 15 milhões de dólares (26.500 toneladas de diversos alimentos para o alívio de emergência) até Julho de 2008. Enquanto a assistência alimentar e não alimentar do governo e seus parceiros está sendo prestada às famílias afligidas pelas cheias na região centro. Os resultados do GAV indicam que a alimentação, água, abrigo, e saneamento básico são necessidades prioritárias nas zonas afectadas visitadas. Até agora, o GAV estimou que cerca de 258 mil pessoas necessitarão de assistência humanitária até Março de 2008 nas bacias do Zambeze, Save, Pungué e Buzi. Este número poderá subir, dependendo da intensidade das chuvas e ciclones entre agora e Abril, o término normal da época chuvosa e ciclónica.

Cheias severas a muito severas nas bacias do Zambeze, Buzi, Púngue e Save

Milhares de hectares de terra nas zonas médias e baixas da bacia do Zambeze encontram-se inundadas, como resultado das persistentes chuvas moderadas a intensas nesta época. O nível da água no Rio Zambeze tem estado a subir de uma forma acentuada desde o começo do Ano Novo. Uma segunda onda de cheias ocorreu no dia 12 de Janeiro, 2008 nas bacias do Búzi e Save (precisamente Vila do Búzi, Machanga e Nova Mambone) depois da primeira onda no dia 31 de Dezembro de 2007. A Figura 2 mostra a severidade e a localização, por distrito, das cheias.

No dia 3 de Janeiro de 2008, como resultado do agravamento da situação, o governo declarou Alerta Vermelho. No âmbito do Alerta Vermelho, todas as instituições chave governamentais e organizações parceiras são chamadas a rever os seus planos de assistência humanitária de acordo com a situação prevalecente e a priorizar a sua preparação e mobilizar recursos. O alerta também dá às autoridades poder de realizar evacuações compulsivas sempre que isso se justifique.

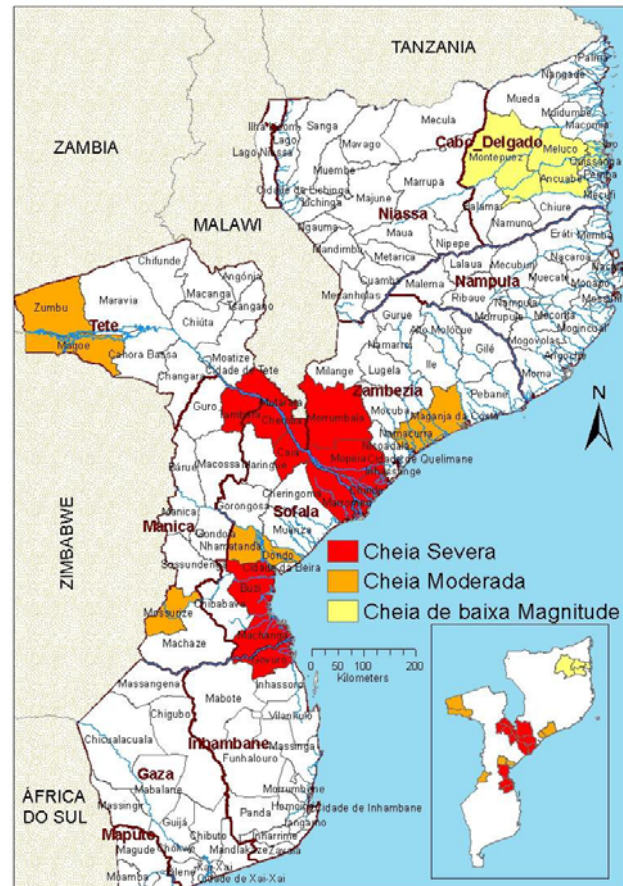
A última informação do Centro Nacional de Operações de Emergência (CENOE) indica que a desde 25 de Janeiro de 2008, oito pessoas morreram e cerca de 258 mil pessoas foram afectadas pelas cheias, incluindo mais de 95 mil pessoas que foram desalojadas. Até o momento, as cheias destruíram mais de 117 mil hectares de culturas (aproximadamente 3 por cento do total da área plantada esta época). São possíveis perdas totais de culturas em algumas destas zonas inundadas uma vez que as culturas foram tanto varridas pelas águas ou morrem devido à falta de oxigénio. A maioria das famílias que vivem actualmente nos centros de reassentamento enfrentarão perda total ou parcial de culturas na presente época. Estas pessoas estão neste momento dependentes da assistência humanitária para satisfazerem as suas necessidades alimentares, mas com colheitas reduzidas poderão necessitar de assistência mesmo depois do vazamento das águas entre Fevereiro e Abril. Mesmo havendo a possibilidade de novas sementeiras nessa altura, haverá necessidade de sementes, uma vez que as existentes foram perdidas. Algumas estradas secundárias foram cortadas e pontes destruídas, impedindo a circulação de pessoas e bens. Algumas zonas podem somente ser alcançadas por helicópteros. O esforço do Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC) é no sentido de garantir que todas as pessoas em risco estejam seguras de modo a evitar mortes dada a incerteza do cenário futuro para o resto da época chuvosa que termina em Abril.

Os centros de reassentamento criados já possuem serviços mínimos tais como educação, cuidados de saúde e saneamento mas muito ainda precisa ser feito para melhorar as condições de vida nos centros, incluindo a disponibilização de mais materiais de abrigo e melhorar a qualidade da água e saneamento.

Como resultado das chuvas intensas a montante, incluindo nos países vizinhos, nomeadamente Zâmbia, Malawi e Zimbabwe, os fluxos para a Barragem de Cahora Bassa (HCB) no Zambeze atingiram mais de 7,000 m³/s nos princípios de Janeiro. Estes fluxos obrigaram os gestores da barragem a libertar volumes crescentes de água para o baixo Zambeze, e os níveis das águas em todas as estações hidrométricas ao longo do rio estão acima dos níveis de alerta e encontram-se a subir. Estas crescentes descargas, e fluxos adicionais dos afluentes tais como o Shire, Luia e Luenha, e a persistente precipitação agravarão as cheias ao longo do baixo Zambeze. A HCB reduziu as descargas dos anteriores 6,600 m³/s para cerca de 5,500 m³/s desde 14 de Janeiro de 2008. Actualmente, as descargas estão em cerca 5,900 m³/s (até 31 de Janeiro). Contudo, espera-se mais uma vez maiores descargas durante o pico da época chuvosa, normalmente a partir dos meados de Fevereiro até os finais de Março.

Com o pico ainda por vir, as autoridades estão neste momento a acelerar a evacuação das pessoas que continuam expostas ao risco de cheias. Três cenários podem ser considerados com base nos eventos recentes. (vide figura 3): (1) cheias similares as de 2007 onde a duração do pico de cheias foi curta (cerca de 15 dias); (2) cheias similares às de 2001, onde a duração do pico das cheias foi mais prolongado (cerca de 45 dias); ou (3) dado o facto de que estas cheias ocorreram mais cedo em relação aos anos anteriores, cheias que durem mais tempo do que em 2001, com o pico a continuar até o fim de Março. Dada a previsão sazonal recentemente actualizada relativa a Janeiro-Março 2008, que indica chuvas normais para acima do normal em todo o país e em grande parte dos países vizinhos, sem indicação do tempo em que tais chuvas ocorrerão, todos os cenários são possíveis.

Figura 2: Mapa que mostra os distritos afectados pelas actuais cheias

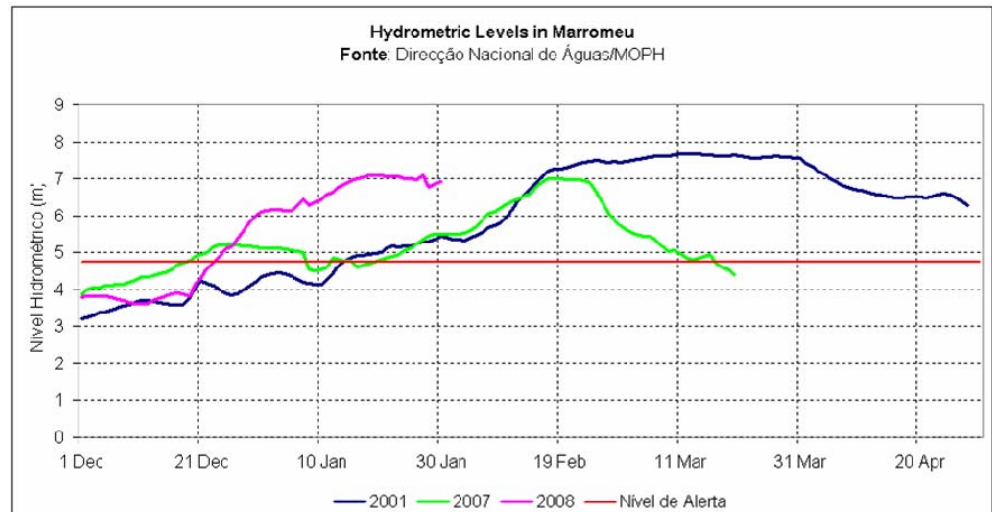


A Unidade de Protecção Civil (UNAPROC) está a usar todos os meios disponíveis para resgatar e evacuar pessoas em risco, e o governo e parceiros estão a usar todos os meios disponíveis, incluindo helicópteros, barcos, e veículos. A UNAPROC é maioritariamente composta pelos departamentos do exército e bombeiros, e inclui também membros dos comités locais de gestão de calamidades e a polícia. Os parceiros incluem a Cruz Vermelha, OXFAM, Action AID, PMA, UNICEF e outras organizações.

As pessoas que vivem nas zonas de risco nos distritos de Zumbo, Mágoe, Mutarara, Caia, Marromeu, Mopeia, Morrumbala, Chinde, Maganja da Costa, Namacurra, Chemba, Búzi, Machanga, Nhamatanda, Guro, Tambara, Mossurize, e Govuro são aconselhados a deslocar para zonas seguras. A mobilização de recursos é necessária neste momento

para assistir as famílias desalojadas. Intervenções em alimentos, saúde e saneamento são recomendadas por pelo menos dois meses. As avaliações em curso determinarão o nível e tipo das necessidades de curto e médio prazo.

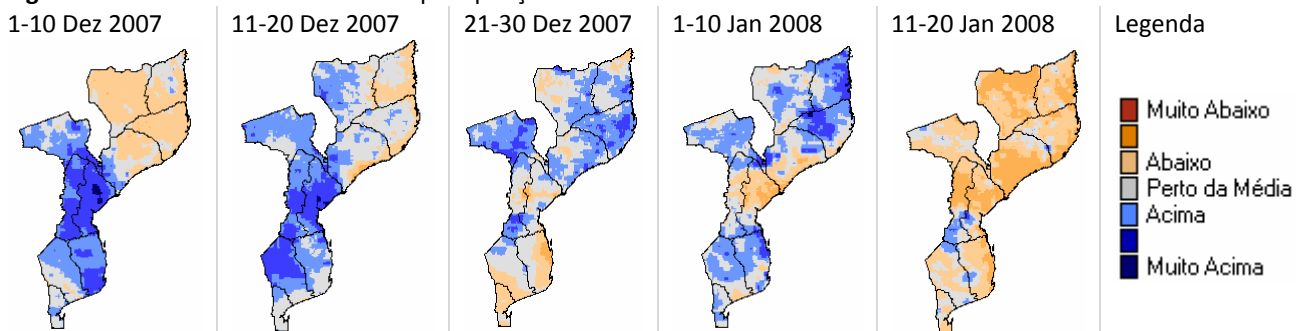
Figura 3: Curvas comparativas de cheias de 2001, 2007 e 2008 na estação Hidrométrica de Marromeu no baixo do Vale do Zambeze



Chuvas normais para acima do normal para o resto da época chuvosa

A maioria das partes de Moçambique recebeu chuvas intensas durante o mês de Dezembro até princípios de Janeiro, que contribuíram para a subida dos níveis dos rios no Zambezi, Búzi, Púngue e Save, e cheias subsequentes e ameaças de cheia. Contudo, os meados de Janeiro (11 a 20 de Janeiro, 2008) foram caracterizados por uma precipitação abaixo da média conforme mostra a Figura 4). Isto não pode significar melhoria directa na actual situação de cheias dado o facto de a principal causa das cheias em Moçambique é grandemente imputada às chuvas intensas nas zonas adjacentes das bacias nos países vizinhos Malawi, Zâmbia, e Zimbabwe.

Figura 4. Estimativas de anomalias de precipitação recolhidas via satélite



Fonte: USGS/FEWS NET

A sequência das imagens satélites na Figura 4 mostra anomalias de precipitação durante o mês de Dezembro até meados de Janeiro (1 de Dezembro de 2007 a 20 de Janeiro de 2008). Chuvas acima do normal ocorreram em grande parte do país, especialmente na zona centro e parte da zona sul durante os primeiros vinte dias de Dezembro. Subsequentemente, chuvas acima do normal foram consistentemente recebidas na maior parte do norte (Niassa, Cabo Delgado e Nampula). As chuvas

fortes em Nampula danificaram infra-estruturas, e as estradas e linhas-férrreas ficaram intransitáveis, causando um problema sério no movimento de pessoas e bens.

O prognóstico dado pelo modelo global produzido pela NOAA para o período de Fevereiro-Abril indica a possibilidade de ocorrência de chuvas acima da média no norte de Moçambique, nos entremos norte e sul de Malawi, e nordeste da Zâmbia. O modelo dá também indicação de nível baixo a moderado favorecendo chuvas abaixo da média no sul de Moçambique, partes do nordeste da África do Sul, partes do Zimbabwe, grande parte da Namíbia, e sudeste de Angola.

Um olhar rápido sobre o desempenho da época agrícola

Embora seja muito cedo fazer quaisquer estimativas quantitativas da produção, uma avaliação qualitativa da época até agora em cada província é exibida abaixo. Fora das zonas inundadas, o crescimento das culturas é excelente. No país em geral, as perspectivas da produção agrícola continuam boas. Nas zonas inundadas e zonas afectadas por persistentes chuvas fortes, dependendo da duração, as famílias poderão ter uma produção significativamente reduzida este ano, quer devido à perda directa de culturas ou incapacidade de realização da sacha. Insumos agrícolas críticos são necessários para as famílias que perderam algumas ou todas as suas posses para replantar à medida que as águas baixam ou quando as condições permitirem. Se as condições forem favoráveis, estas famílias podem esperar uma colheita em aproximadamente dois e meio a três meses depois.

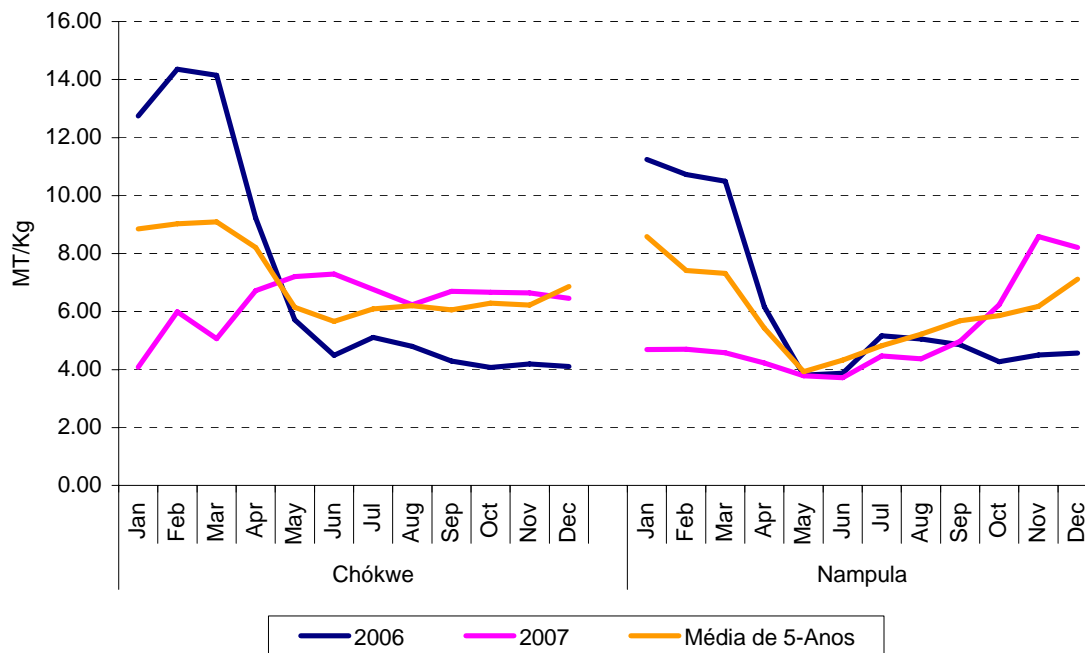
Província	Comentários
Maputo	Condições de crescimento favoráveis. As chuvas iniciaram nos finais de Outubro e o plantio começou logo a seguir. Embora as culturas estejam em diferentes fases de desenvolvimento, elas estão a desenvolver muito bem, e actualmente estão disponíveis culturas verdes para o consumo familiar. <u>Culturas:</u> Feijões, milho, mandioca, amendoim e vegetais.
Gaza	Muitas sementeiras correram em Novembro. Nas zonas baixas o plantio começou mais cedo. Até o presente momento, as culturas estão em boas condições e numa fase vegetativa. Até meados de Fevereiro, culturas verdes deverão estar disponíveis. Note-se que as persistentes precipitações poderão afectar a produção da castanha de caju. <u>Culturas:</u> Milho, mapira, mexoeira, feijões, feijão nhemba, amendoim, batata-doce, mandioca, e vegetais diversos.
Inhambane	Condições de crescimento favoráveis. Tem estado a chover regularmente, e até agora, as culturas plantadas em Dezembro estão em boas condições. Culturas verdes são esperadas até meados de Fevereiro. Tal como nos distritos de Gaza, as chuvas persistentes poderão afectar a produção da castanha de caju, uma vez que ocorreram numa altura em que as árvores estavam a florar. Culturas: Milho, mapira, feijões, feijão nhemba, amendoim, batata-doce, mandioca e vegetais diversos.
Sofala	Fizeram-se muitas sementeiras em Outubro. As condições de crescimento têm sido favoráveis até o momento, embora nos distritos afectados pelas cheias, as culturas ficaram submersas. Assistência em termos de sementes para o plantio pós-cheias é crucial. Noutros locais, a condição das culturas é muito boa graças a uma boa precipitação. O plantio de milho tem lugar continuamente e as culturas estão em várias fases de desenvolvimento do afloramento à maturação. <u>Culturas:</u> Milho, mexoeira, mapira, amendoim e feijões.
Manica	Fizeram-se muitas sementeiras em Novembro. As culturas encontram-se em várias fases de crescimento e a progredir bem, com uma perspectiva de uma boa colheita, excepto nos distritos afectados pelas cheias onde as culturas foram danificadas. Não há relatos de grandes pestes. Até agora. <u>Culturas:</u> Milho, feijões, vegetais, e batata-doce.
Tete	O plantio teve lugar em Outubro e Novembro na parte sul da província e em Dezembro na parte norte. No geral, as culturas estão em boas condições e na fase de afloramento e, em alguns casos, na fase de formação do grão. Contudo, as persistentes chuvas substanciais poderão prejudicar as perspectivas favoráveis da produção deste ano. Nas zonas afectadas pelas cheias, as famílias perderam as suas culturas. <u>Culturas:</u> Feijões, amendoim, milho, mapira, batata e vegetais.
Zambézia	O plantio teve lugar em Dezembro logo depois das chuvas terem iniciado. Até agora, as condições de crescimento têm sido favoráveis. As condições das culturas são muito boas, e maioria na fase vegetativa. Contudo, nas zonas afectadas pelas cheias, muitas famílias perderam as suas culturas. Assistência em termos de sementes para o plantio no período pós cheias é crucial. Culturas: Milho, arroz, mandioca, amendoim, feijões, feijão jugo, e vegetais.
Nampula	O plantio começou em Novembro depois do começo antecipado das chuvas. As culturas estão na fase vegetativa e a desenvolver bem. Culturas verdes são esperadas até meados de Fevereiro. A mandioca, um alimento básico na zona costeira, que foi severamente afectada pelo vírus no passado recente, está a registar melhorias, e a produção está a aumentar gradualmente. <u>Culturas:</u> Mandioca, milho, mapira, feijões, e amendoim.
Cabo Delgado	A precipitação tem sido boa excepto na zona costeira na parte norte. O plantio começou nos meados de Dezembro. As culturas estão em boas condições até agora. Caso ocorram chuvas excessivas, a produção de milho poderá ser

	afectada. <u>Culturas:</u> Mandioca, milho, arroz, e feijões.
Niassa	Muitas sementeira ocorreram em meados de Novembro. As chuvas tiveram uma boa distribuição. Duma forma geral, até agora, a presente época agrícola na província está a progredir bem. <u>Culturas:</u> Milho, feijão nhemba, amendoim, arroz, e feijão jugo.
Fonte: Visita de campo, SETSAN e serviços agrícolas nas Províncias, Janeiro de 2008	

Preços reais do milho anormalmente a baixarem em Dezembro de 2007 no sul e norte

Geralmente, num ano normal espera-se que os preços do milho subam até os finais do ano. Contudo, as análises dos preços dos mercados de referência no norte (Nampula) e no sul (Chókwe) mostram uma queda anormal e um padrão inalterável, respectivamente, durante o período de Novembro-Dezembro. Os preços de Dezembro em Chókwe estiveram ligeiramente abaixo da média de 5 anos, enquanto que em Nampula estiveram acima da média de 5 anos (Figura 5). Em ambos os casos, os preços estão muito acima do ano anterior (2006/07), que segue um ano bom, enquanto que este segue um ano mau. A estabilização de preços na região afectada pela seca do sul é boa para as famílias que agora dependem do mercado para a satisfação das suas necessidades alimentares, especialmente durante o pico do período de fome. Contudo, espera-se que os preços subam em Fevereiro devido a diminuição gradual dos fornecimentos durante o período de fome, e em algumas áreas devido a roturas no comércio normal e rotas de transporte causado pelas cheias sazonais.

Figura 5. Preços Reais de milho a retalho em dois mercados de referência, em meticais por kg



Fonte: SIMA

O boletim do Sistema de Informação dos Mercados Agrícolas (SIMA), publicada no dia 9 de Janeiro de 2008, indica que o fluxo do milho para o Malawi através da fronteira de Milange tem estado a baixar durante os últimos dias devido aos baixos preços oferecidos na zona. De acordo com o boletim do SIMA, os comerciantes contactados são citados como tendo afirmado que as exportações para o Malawi baixaram como resultado dos baixos preços no país vizinho. De acordo com os comerciantes, estes preferem guardar o milho até o tempo em que os preços serão mais atractivos. A boa produção de milho no ano passado no Malawi é citada como a razão por detrás dos baixos preços naquele país. Investigação detalhada do SIMA ainda está em curso.